

A RELAÇÃO ENTRE LITERATURA E POLÍTICA EM *OS QUE BEBEM COMO OS CÃES*, DE ASSIS BRASIL

The relationship between literature and politics in Os que bebem como os cães, by Assis Brasil

Thaís Amélia Araújo Rodrigues¹

Cecília Guedes Borges de Araujo²

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo analisar a relação entre a política e a literatura em *Os que bebem como os cães*, de Assis Brasil. A situação subumana em que vive a personagem central não acontece somente na ficção, mas representa a história de muitas vítimas da Ditadura Militar. Nesse sentido, a literatura vai além dos relatos históricos carregados de ideologia e discursos, mas representa tais relatos e torna público o que era privado. A obra piauiense é também uma reflexão sobre a existência e a fragilidade humana quando o nosso direito é facilmente desrespeitado. Ainda que se trate de uma ficção, a triste trajetória de Jeremias pode ter acontecido com alguém, para tanto, analisamos a obra, sob a teoria de Lukács (2011), Candido (2011), Bosi (2013), Benjamin (1994) e outros.

Palavras-chave: Ficção. História. Política. Literatura piauiense.

ABSTRACT: The objective of this article is to analyze the relationship between politics and literature in *Os que bebem como os cães*, written by Assis Brasil. The subhuman situation in which the main character lives does not happens only in the fiction, it is also a representation of the history of many victims of the Brazilian Military Dictatorship. In this sense, the literature goes beyond historical reports loaded with ideology and discourse, but it represents such reports and makes public what was private. The Piauían work is also a reflection on the human existence and fragility when our right is easily disrespected. Still, the sad trajectory of Jeremiah may have happened to someone, for that matter, we analyze the work under the theory of Lukács (2011), Candido (2011), Bosi (2013), Benjamin (1994) and others.

Keywords: Fiction. History. Policy. Piauían Literature.

¹Mestre em Letras pela Universidade Estadual do Piauí – UESPI. E-mail: thaisamelia76@hotmail.com

²Mestre em Letras pela Universidade Estadual do Piauí - UESPI. E-mail: ceciliaguedesba@gmail.com.

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho analisa as questões sociais retratadas em *Os que bebem como os cães*, do escritor piauiense Assis Brasil. Pretendemos destacar como a literatura pode ser verossímil ao determinar alguma situação social e até ser fidedigna à própria história. Sabemos que o livro de Assis é uma ficção, mesmo assim não o impediu de tratar algumas questões comuns que se valem do “mundo real”.

A narrativa conta a saga de Jeremias, um homem que foi preso por alguma razão. Preso, algemado com as mãos para trás, em uma condição subumana. É obrigado a comer como um cão, sorvendo a comida, vive em meio aos seus dejetos, e só encontra conforto na companhia de animais, nas lembranças e no grito, grito de libertação.

A obra é dividida em três aspectos que se repetem como em um ciclo: a cela, o pátio e o grito. Notamos que há uma rotina diária na prisão, todos os dias há o tempo de ficar na cela, o momento de ir para o pátio e o grito, momento de “liberdade” dos prisioneiros, quando conseguiam expressar algum sentimento. A sensação que temos na narrativa é de que todos os dias as coisas acontecem do mesmo jeito, mas não no mesmo tempo. Os presos acreditam que tudo se passa em uma hora exata, mas não, o tempo vai mudando para que percam a noção dele na prisão.

Assis Brasil escreve de tal maneira que o leitor se identifica com a personagem ao longo da narrativa, provando então que podemos encontrar resquícios de relações sociais no livro. Uma vez que o narrador relata a importância da família e da liberdade de autonomia do indivíduo, mesmo privado de sua liberdade, não pode perder sua identidade. Tal narrativa resgata das memórias da personagem a sua identidade e a denúncia das condições precárias vividas por um cidadão comum e professor, bem como a possibilidade de escrever uma ficção politicamente engajada.

2. EXPULSEM OS POETAS DA CIDADE?

No livro *X, A República*, de Platão, o filósofo grego sugere que expulsem os poetas da cidade. Hoje tal ato nos causa uma certa estranheza, pelo fato de se tratar de poetas, prosaístas, escritores ou romancistas da cidade. Que poder eles têm e que

mal podem fazer para o desenvolvimento da cidade? São perguntas razoáveis que pretendemos responder adiante.

Em princípio, na Grécia antiga, as crianças eram preparadas para grandes guerras, para conquistar territórios, para constituir uma família, para se transformarem em cidadãos e protetores da cidade. O problema é que não havia como fazer isso enquanto ouviam os feitos dos grandes heróis e suas histórias empolgantes.

A ideia não é criar poetas, sim guerreiros. Nesse caso, na visão dos gregos antigos, a poesia e a ficção poderiam atrapalhar e muito. Para Platão, a poesia ou o ato de ficcionalizar poderia ser danosa, sua maior preocupação era de que as pessoas deixassem de cumprir com o seu papel na cidade se distraíndo com as facetas dos poetas. Então, a melhor solução seria uma cidade sem poetas, sem ficção, sem magia ou sem imaginação.

Nada que tire o ser humano da realidade, do foco. Em um certo ponto Platão tem razão, a literatura tem o poder de transportar o homem para um plano superior. É possível sair de sua realidade, conhecer lugares novos, realidades novas, estando no mesmo lugar. Algumas vezes nos faz esquecer até quem realmente somos e, para Platão, isso era alienação.

Entretanto, muitas vezes, a ficção pode dialogar com a realidade. Prova disso é que Eagleton (2003), Benjamin (1994) já destacam esse poder da literatura de dialogar com a realidade e da sua capacidade verossímil em relatar um acontecimento ou história, sem esquecer a tênue fronteira entre ficção e história. Deste modo, não podemos expulsar os poetas da cidade, pela preciosa contribuição que dão à sociedade.

Sem contar que por diversas vezes, as pessoas se enxergam nas narrativas, aspirações, desejos e mazelas. É uma proeza da literatura, alguns autores como Candido (2011), defendem a importância social da literatura, e a real situação dos sujeitos ou quando narram fatos que são corriqueiros da realidade. Abordar o social no enredo da obra traz à tona a discussão de temáticas polêmicas e que necessitam de cautela, principalmente quando se trata da situação política de prisioneiros.

A relação entre política e literatura enriquece ainda mais tal discussão, no que diz respeito às fronteiras entre elas. Para Bosi (2013), essa fronteira existe por mínima que seja, no entanto, não há como definir seu limite porque, em se tratando

de obra literária, não sabemos até que ponto o autor conta a “verdade” na história, justamente porque é uma ficção, mesmo que esta tome como base o “mundo real”.

Candido (2011) traz o exemplo de Aurélia, protagonista de *A Senhora*, de José de Alencar. Uma moça abandonada pelo amado, por causa de dinheiro. O exemplo representa a maneira como a literatura traz alguns fatos que ocorrem na realidade, deste modo, ela tem uma função social, como afirma Merquior (1974), que a arte é antropológica, por consequência, é sociológica. É fácil perceber essa característica na arte em geral, inclusive na literatura, como pontua Mendes (2013, p. 21):

A arte literária é produto das bases históricas do meio em que surge, trazendo em si as características sociais, psíquicas, econômicas e culturais de certa comunidade. Expõe suas mazelas, seus dramas, seus costumes, suas chagas e inquietações.

Deste modo, seria um grande equívoco encarar as expressões artísticas apenas como forma de entretenimento, em muitos casos a arte se transforma em um fator social importante, a literatura, principalmente. Dessa forma, estaríamos alimentando uma cultura empobrecida se encarmos a arte de maneira tão gratuita.

O problema da cultura seria a mesmice da arte mundial, ou seja, em todo o mundo as pessoas assistem aos mesmos programas, seriados e filmes. Não há originalidade, haveria uma banalização da arte, no poder de transformação das artes em geral. É o que o crítico literário Merquior (1974) chama de fenômeno *kitsch*.

O *kitsch* moldaria a arte, de modo a deixar o ser humano em sua zona de conforto, sem acrescentar nada. Não passa de uma maneira de imitar alguns efeitos artísticos para “fazer cócegas na doce consciência do ser humano”, como adverte Merquior (1974). Em suma, a sociedade não quer um desafio, algo que os instigue, algo que faça repensar seus valores, não querem a evolução que a arte pode trazer e nem o desconforto. O crítico afirma que *kitsch* é a expressão artística da anticultura, semianalfabeta e subalterna.

Se analisarmos a fundo o poder da arte, chegaremos à seguinte conclusão: Platão não se preocupava apenas que o poder de distração da arte, no caso da literatura da época, mas também com as influências que os poetas podiam trazer, desde aquela época até a atualidade. Os artistas, também, são vistos como formadores de opinião, pelo simples fato de que a arte tem um certo poder sobre a

vida do ser humano, por isso, era conveniente que os poetas ou artistas deixassem a cidade.

3. QUESTÕES POLÍTICAS EM *OS QUE BEBEM COMO OS CÃES*

Lukács (2011) se preocupou com a questão do impacto do romance na burguesia. De início, o romance nasceu para distrair, como forma de entretenimento, assim permaneceu até a primeira metade do século XX. Na segunda metade desse século, essa função ficou a cargo do cinema. Na maioria dos casos, tanto na literatura como no cinema, a existência humana é representada.

Essa representação evolui até os dias atuais, de modo que, os limites entre ficção e história são tênues e difíceis de determinar. Muitos romances representam a condição humana de maneira tão fiel, que é difícil separá-las. Lukács afirma sobre essa relação com o romance:

Se trata de representar a relação real do homem com a sociedade e a natureza (ou seja, não apenas a consciência que o homem tem nas relações, mas o próprio ser que é fundamento desta consciência, em sua conexão dialética com esta última), o último caminho adequado é a figuração da ação (LUKÁCS, 2011, p. 205).

Ou seja, o romance representa a relação do homem com o real, mas principalmente o objeto dessa relação, que é o próprio ser, não apenas a sua consciência e emoções. A relação entre literatura e questões políticas é evidente na obra *Os que bebem como cães*. Primeira edição publicada em 1975, ganhadora do Prêmio Nacional Walmap e o Prêmio Joaquim Manoel de Macêdo no mesmo ano.

Considerada pela crítica literária a obra prima de Assis Brasil, pela profundidade do livro, sua relação com a política e com a condição do ser humano, que se encontra, em algumas situações, embaraçosa, como é o caso de Jeremias, o protagonista da história.

O livro se passa entre a Cela, o Pátio e o Grito. Os capítulos seguem essa sequência, repetindo até o fim do romance. A sensação desse ciclo entre os três é

angustiante, provocando sentimentos de agonia e de terror, ao passo que a obra vai se revelando.

É como se o leitor estivesse preso, assim como a personagem Jeremias, professor, que vive momentos de medo e sofrimento, comportando-se como um cão, bem como relata no título. Jeremias encontra-se na cela escura, com as mãos amarradas para trás, além de sujo e machucado, em uma posição desconfortável.

Esporadicamente, levam um prato de sopa como único alimento, de mãos amarradas, a única solução para se alimentar é sorver o líquido, como fazem os cães, daí a explicação do título do romance: “E baixou a cabeça e bebeu como bebem os cães – o hábito fazendo do gesto uma norma tranquila” (BRASIL, 2013, p. 71). É como se todo o resquício de humanidade de Jeremias tivesse ficado fora da prisão. Lá dentro, ele não passa de um ser inferior, refém do sistema, incapaz de decidir seu próprio destino e nem de raciocinar.

Em obras como esta, percebemos a importância da literatura e sua capacidade de representar a condição do ser humano, uma vez que *A poética*, de Aristóteles, elucida que a arte imita a vida, é impossível separá-las. Deste modo, a literatura também representa uma condição negativa do ser humano. Na verdade, condições escassas e infelizes aparecem em todo momento, é natural.

Diversas obras literárias representam essa situação, por essa razão podemos afirmar, sem dúvidas, que há uma relação bem próxima entre literatura e política, como na obra *O Processo*, de Kafka, por exemplo. K, o protagonista da obra, é preso sem saber o motivo, não sabem se é inocente ou se realmente cometeu um crime, o fato é que o protagonista não tem o direito nem de se defender ou de saber qual entidade o está processando.

Podemos citar várias obras como exemplo, *Ensaio sobre a Cegueira*, de José Saramago e *Admirável Mundo Novo*, de Aldous Huxley, são obras literárias que apresentam o ser humano e sua vulnerabilidade diante do que se passa na sociedade, no regime ditatorial e em uma condição de inferioridade. A condição de dominação, no qual ele não tem forças pra lutar e se entrega a uma situação desfavorável que suprime sua dignidade enquanto ser humano.

Interessante que, analisando essas obras, a tendência é pensar que se tratam de ficção, que tudo está no plano do imaginário. Nem sempre é assim, nos deparamos com situações parecidas com as dos livros: situações de extrema

injustiça e descaso, que no fundo acontecem no cotidiano da humanidade. É este o exemplo do livro de Assis Brasil.

O romance é sufocante, a situação vivenciada é triste. Jeremias é tratado como um animal, preso sem motivo, mantido em cárcere em condições subumanas. Na cela, o indivíduo encontra-se algemado, sozinho no escuro, mergulhado em seus próprios dejetos. O pátio é o momento em que ele sai da cela e se depara com outros homens que vivem uma situação semelhante. O grito ocorre quando o indivíduo se sente tão pequeno, que a única solução é gritar por um ente querido, geralmente a mãe ou a esposa.

Ao longo da narrativa, a tríade Cela, Pátio e Grito se repete, até chegar ao ponto de homens cometerem suicídio, pela falta de perspectiva e a liberdade se resumir a gritos no pátio, como desabafo de todo aquele sofrimento. Com o tempo, nem o grito alivia a dor, os presos começam a lembrar de sua casa, principalmente da liberdade que tinham. Outro fato que deve ser mencionado é a solidão da cela, chega a ser tanta que os presos sentem conforto na companhia de ratos, dividindo o prato de sopa com o animal.

Há várias temáticas na obra, além da profundidade da narrativa e a forma como se revela pela linguagem, causando curiosidade e ansiedade em descobrir o motivo da prisão de Jeremias. Assis Brasil é famoso por tratar de temas sociais em seus livros. *Beira Rio, Beira Vida* é um exemplo incontestável, trata da sina das prostitutas no Cais de Parnaíba, mãe e filha se prostituem por falta de opção, sem instrução alguma, restando como única solução, vender o corpo.

Assis Brasil é o tipo de escritor que Benjamin (1994) categoriza como autor socialmente engajado, aquele que se preocupa em retratar a realidade de seu povo tal como é. Isso porque, na grande maioria, os romances narram uma realidade utópica, em que tudo é perfeito e sempre há um final feliz, por mais que os protagonistas sofram. Esse tipo de narrativa não é verossímil com a realidade e, ao lê-la, o leitor não se sente representado.

A narrativa demonstra como o ser humano pode ser suprimido em meio às injustiças sociais. Candido (2011) defende uma narrativa politicamente engajada por conta das relações entre a vida social e a literatura. Jeremias encontra-se em uma situação precária, comparada a de um animal. Sua dignidade não existe mais, ele se contenta com o prato de sopa e a companhia de ratos em sua cela. A presença dos

roedores ameniza a solidão na cela escura. Outros fatores tornam a situação de Jeremias insustentável, como nos trechos abaixo:

Pensara uma vez que o ratinho seria seu relógio, marcaria o seu tempo. Tinha que prestar atenção no bichinho, tinha que procurá-lo. Ele morava na cela sem que ninguém o houvesse encarcerado, vivia a sua natureza de rato, numa toca, num buraco dentro de outro buraco (BRASIL, 2013, p. 64).

Caminhou e ajoelhou-se próximo ao prato, como antes fizera dezenas de vezes. Já sabia como se abaixar e sorver o líquido sem derramar pelos lados ou engasgar. Sem sujar a roupa branca (BRASIL, 2013, p. 70).

Sentia as coisas com maior impacto, como nunca sentira antes. Urinar e defecar na roupa era um gesto tão sólido como sentir a língua ou os dentes (BRASIL, 2013, p. 121).

Os fragmentos apresentados comprovam a situação delicada do personagem. notamos que ele se acostuma com a posição em que bebe a sopa, assim como se distrai imaginando a vida do rato que o faz companhia e que não o incomoda na cela. Até mesmo as necessidades fisiológicas passam a ter outro significado.

O narrador menciona que um ato tão simples e corriqueiro o faz perder a dignidade enquanto homem, uma vez que é impedido de fazer a própria higiene pessoal e é obrigado a ficar em seus dejetos. Fato mais difícil ainda de se entender é em ele se acostumar com tal situação, como se o ser humano fosse capaz de se acostumar às situações que não lhe pertencem. Interessante seria se o narrador se rebelasse e saísse daquela situação repugnante e decadente.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vários fatos chamam a atenção em *Os que bebem como os cães*: a riqueza de detalhes, a complexidade e a fragmentação da obra. Notamos a fragmentação da obra, isto é, a ausência de linearidade, característica do narrador contemporâneo. Mas o livro também intriga o leitor, no início ele não entende por que aquele homem, aliás, aqueles homens estão passando por aquela situação triste e humilhante na prisão.

Não sabemos porque foram presos e porque sofrem tantas agressões, o fato é que estão enclausurados, com fome, vivendo em situação animalésca e longe de

seus entes queridos. A violência aparece das formas mais diversas na obra, em decorrência da discordância do personagem Jeremias em relação ao regime ditatorial. É possível perceber a presença da violência física, simbólica e psicológica em Jeremias. O fato é que leitor fica intrigado ao longo da narrativa, pois é a reação mais natural e essa reação de estranhamento que o livro causa é explicada na citação abaixo:

O narrador figura entre os mestres e os sábios. Ele sabe dar conselhos: não para alguns casos, como o provérbio, mas para muitos casos, como sábio. Pois pode recorrer ao acervo de toda vida. O narrador assimila à sua substância mais íntima, dom de contar sua vida, sua dignidade. O poder que o narrador é o homem que poderia deixar a luz tênue de narração consumir completamente a mecha de sua vida (BENJAMIN, 1994, p. 221).

A forma de agir do narrador, o poder que tem sobre o leitor, a maneira que o seduz, fazendo com que ele sinta determinadas sensações ao relatar suas vivências. O narrador em *Os que bebem como os cães* é politicamente engajado, por isso narra as injustiças sociais vividas na Ditadura. Sabemos que se trata de uma ficção, que se vale de acontecimentos do “real”, com alguns fatos semelhantes ao longo do regime ditatorial no Brasil e em outros países da América Latina.

Algumas pessoas eram presas pelo simples fato de conhecer ou serem vizinhas de comunistas, por exemplo. Torturas por abuso de poder, pessoas assassinadas, que tiveram seus direitos sufocados por conta da Ditadura exemplificam a narrativa e mostram a relação entre a literatura e a política. Vejamos no trecho o argumento:

Nestas narrativas o elemento fictício interage com o fato histórico de várias formas: ora é a realidade reconhecível através do jornal ou testemunhas que vivenciaram o problema, ora é a ilusão do passível, do que realmente poderia ter acontecido. Essa ambiguidade prende a atenção do leitor quando, na obra, o acontecimento central é narrado como uma aventura, pois as ações atribuídas às personagens são manipuladas pelo narrador da forma que ele deseja (MENDES, 2013, p. 99).

O trecho destacado evidencia como as narrativas tem caráter histórico, por mais que digam o contrário. A literatura pode narrar fatos que realmente ocorreram e a história não quer perder a posição como ciência, por isso defende a hipótese de que a literatura não passa de mera ficção, esquecendo da ideologia dos

historiadores. Percebemos tantas questões relacionadas à existência no livro, por isso aborda várias temáticas e diálogos possíveis.

Uma questão analisada na obra é o desânimo do personagem com as injustiças. No início, achava que o suicídio era a última opção, é como se ao se matar ele daria àqueles homens cruéis a vitória. No entanto, chega um ponto que não consegue mais, perde as esperanças de que pode sair da prisão e o único jeito é dar fim à própria vida. A maneira que Jeremias se suicida causa choque, uma sensação desconfortável ao leitor, não apenas por se tratar de um suicídio, mas porque, na verdade, ele já estava morto:

Experimenta as palmas das mãos na pedra áspera. Encosta os pulsos nas saliências mais cortantes- Lembra-se de casa, do sorriso de sua mãe. Esfrega com certo fervor os pulsos no muro, uma, duas, dez vezes, e vê o sangue saltar para suas mãos e respingar em teu rosto. O sangue generoso como água do tanque, continua a tingir o muro, mais e mais, o trabalho se realiza, a sua tarefa. Descobre-se de joelhos e suas mãos não mais alcançam a última mancha. O sangue escapa-lhe das veias como uma pequena torrente uma poça se forma no chão, no pé do muro, e tenta se lembrar da última vez que gritou pela mãe (BRASIL, 2013, p. 159).

O narrador detalha o processo e as etapas da morte de Jeremias de maneira direta, clara e seleciona palavras positivas para descrever o clímax da narrativa, apesar de ser uma cena de morte. “**Experimenta** as palmas das mãos na pedra áspera. (...) O sangue generoso como água do tanque, continua a **tingir** o muro, mais e mais, o trabalho se **realiza**, a sua tarefa”. O uso desses verbos destacados dá uma conotação de que o protagonista está realizando uma tarefa e seus passos estão descritos na citação.

Não há palavra negativa ou de melancolia para definir esse momento de dor e sofrimento. O narrador expressa com frieza a morte de Jeremias para representar o cansaço do personagem em chegar no seu limite de luta e não ver saída para a situação em que se encontrava. A morte já estava anunciada no início da narrativa com o suicídio dos outros presos.

A causa do suicídio do personagem é por questões políticas e isso fica claro quando, no final, é revelado que ele é um professor e contrário ao regime ditatorial. A relação entre literatura e política é clara na obra de Assis Brasil, o protagonista

representa a sociedade civil e comum do Brasil, porém, é uma ameaça porque, como professor, forma opiniões.

A literatura tem a capacidade de representar relatos ficcionais sobre acontecimentos reais, dessa maneira, abre discussão para temáticas que antes eram censuradas. A importância social dela é inquestionável quando se trata de temas sociais, não esquecendo que o fato de ser um acontecimento real da História, não exclui o caráter ficcional da obra.

REFERÊNCIAS

BENJAMIM, Walter. **Magia e técnica: arte e política**. Tradução: Sérgio Paulo Roanet. 7. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.

BOSI, Alfredo. As fronteiras da literatura. In; BOSI, Alfredo. **Entre a literatura e a história**. São Paulo: Editora 34, 2013, p. 221- 234.

BRASIL, Assis. **Os que bebem como os cães**. 8. ed. Teresina: Nova Aliança, 2013.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. 12. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.

EAGLETON, Terry. **Teoria da literatura: uma introdução**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

LUKÁCS, György. **Arte e Sociedade, escritos estéticos, 1932-1967**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2011.

MENDES, Raimunda Celestina. **Para uma historiografia literária da Piauí, a narrativa da seca**. Rio de Janeiro: Caetés, 2013.

MERQUIOR, José Guilherme. **Formalismo e tradição moderna: o problema da arte na crise da cultura**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1974.

PLATÃO. **A República**. Trad. Maria Helena da Rocha Pereira. 9. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.